

"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

JOHN GRISHAM



TEMPO DE MATAR



TEMPO DE MATAR

Título original: *A Time to Kill*

Copyright © 1989 por John Grisham

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

tradução: Bruno Fiuza e Roberta Clapp

preparo de originais: Cristiane Pacanowski | Pipa
Conteúdos Editoriais

revisão: Ana Grillo, Guilherme Bernardo e Luíza Côrtes

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Jill Ferry | Trevillion Images

impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G887t

Grisham, John, 1955-

Tempo de matar / John Grisham ; [tradução Bruno Fiuza,
Roberta Clapp]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.
544 p. ; 23 cm.

Tradução de : A time to kill

ISBN 978-65-5565-162-1

1. Ficção americana. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp, Roberta.
III. Título.

21-71632

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PARA RENÉE,

Uma mulher de beleza incomum,

Uma amiga extremamente leal,

Uma crítica benevolente,

Uma mãe amorosa,

Uma esposa perfeita.

1

Billy Ray Cobb era o mais jovem e o mais baixo dos dois homens. Aos 23 anos, já era um veterano do presídio de Parchman, com três anos de cadeia nas costas. Posse de drogas, com intenção de venda. Um delinquente franzino, branquelo e durão que havia sobrevivido à prisão porque sempre dava um jeito de reabastecer o estoque, vendendo e às vezes dando drogas para outros presos, em sua maioria negros, e também para os guardas, em troca de proteção. Ao longo do ano seguinte à sua saída da cadeia, ele continuou a prosperar, e seu pequeno tráfico de drogas o alçou à posição de um dos caipiras mais ricos do condado de Ford. Tornou-se um empresário, com tudo a que tinha direito – funcionários, compromissos, negociações –, exceto impostos. Lá para as bandas de Ford, em Clanton, ficou conhecido como o último homem na história recente a comprar uma picape nova em dinheiro vivo. Dezesesseis mil dólares por uma picape de luxo customizada amarelo-canário da Ford, com tração nas quatro rodas. As sofisticadas rodas cromadas e os pneus off-road vieram como pagamento por uma transação. A bandeira confederada presa ao vidro traseiro havia sido roubada por Cobb de um estudante de fraternidade bêbado durante um jogo de futebol americano da Ole Miss. A picape era o bem mais valioso de Billy Ray. Ele estava sentado na beirada da caçamba, com a porta aberta, tomando cerveja e fumando um baseado, enquanto via seu amigo Willard aproveitar a sua vez com a menina negra.

Willard era quatro anos mais velho e uns dez mais lento. Em regra, ele

era um tipo inofensivo que nunca se envolvera em problemas sérios e nunca tivera um emprego de verdade. Talvez tenha se metido numa briga ou outra, com direito a uma noite na prisão, mas nada muito grave. Ele se autodenominava “madeireiro especializado em celulose”, mas uma dor nas costas geralmente o mantinha afastado da floresta. Machucara a coluna trabalhando em uma plataforma offshore no meio do Golfo, e a companhia de petróleo lhe ofereceu um acordo vantajoso, mas ele perdeu tudo porque a ex-mulher o deixou sem nada. Sua principal vocação era a de funcionário de meio período de Billy Ray Cobb, que não pagava muito mas era mão-aberta com as drogas. Pela primeira vez em anos, Willard sempre tinha algum dinheiro. E ele sempre precisava de algo. Era assim que vivia desde que machucara as costas.

Ela tinha 10 anos e era pequena para a idade. Estava deitada sobre os cotovelos imobilizados, amarrados com uma corda de náilon amarela. Suas pernas estavam abertas de forma grotesca, com o pé direito firmemente atado a um carvalho ainda jovem e o esquerdo à estaca de uma cerca de madeira apodrecida já meio caída e há muito abandonada. A corda de náilon havia cortado seus tornozelos e o sangue escorria pelas pernas. Seu rosto estava todo ferido e ensanguentado, com um olho inchado e fechado, e o outro entreaberto, de modo que conseguia ver o homem branco sentado na caminhonete. Ela não olhava para o que estava em cima dela. Ele respirava com dificuldade, suando e xingando. Ele a estava machucando.

Assim que terminou, ele deu um tapa nela e riu, e o outro homem riu de volta, depois eles riram ainda mais e rolaram pela grama ao lado da picape como loucos, gritando e gargalhando. Ela virou o rosto para o outro lado e chorou baixinho, tomando cuidado para não fazer barulho. Já havia apanhado antes por chorar e gritar. Eles juraram que a matariam se ela não ficasse quieta.

Quando se cansaram de tanto rir, subiram na caçamba, onde Willard se limpou com a blusa da menina, que já estava encharcada de sangue e suor. Cobb tirou uma cerveja gelada do cooler e entregou a ele, e fez um comentário sobre como o dia estava úmido. Eles a observaram enquanto ela soluçava e fazia ruídos estranhos e silenciosos, e depois ficou imóvel. A cerveja de Cobb estava pela metade e quente. Ele a arremessou na menina. A lata atingiu na barriga, espirrando a espuma branca, e depois caiu no chão, perto das outras latas, todas saídas do mesmo cooler. Eles já tinham tomado uma dúzia de cervejas e todas as latas tinham sido atiradas nela ainda pela metade, em

meio a gargalhadas. Willard havia tido problemas em acertar o alvo, mas Cobb era muito bom de pontaria. Eles não eram do tipo que desperdiçava cerveja, mas as latas mais pesadas machucavam mais, e era muito divertido ver a espuma espirrando por todo lado.

A cerveja quente se misturou ao sangue vermelho-escuro e escorreu pelo rosto e pelo pescoço dela, formando uma poça atrás da cabeça. Ela não se mexeu.

Willard perguntou a Cobb se ele achava que ela estava morta. Cobb abriu outra lata e explicou que ela não estava morta porque negros geralmente não morriam apenas por conta de chutes, socos e estupros. Era necessário muito mais, algo como uma faca, um revólver ou uma corda, para se livrar de um negro. Embora nunca tivesse participado de um assassinato desse tipo, ele havia convivido com negros na prisão e sabia tudo sobre eles. Estavam sempre matando uns aos outros e com frequência usavam algum tipo de arma. Aqueles que eram só espancados e estuprados nunca morriam. Alguns dos brancos eram espancados e estuprados, e alguns deles morriam. Mas isso nunca acontecia com os negros. A cabeça deles era mais dura. Willard pareceu concordar.

Perguntou então o que Cobb planejava fazer agora que eles haviam terminado com a menina. Cobb tragou seu baseado, deu um gole na cerveja e disse que ainda não tinha terminado. Levantou da caçamba num pulo e saiu cambaleando pela pequena clareira até onde ela estava amarrada. Ele a xingou e gritou para que acordasse, depois derramou cerveja gelada no rosto dela, rindo fora de si.

Ela o acompanhou com os olhos enquanto ele contornava a árvore do lado direito dela e o encarou quando ele olhou para o meio de suas pernas. Quando ele abaixou as calças, ela virou o rosto para o lado esquerdo e fechou os olhos. Ele a estava machucando de novo.

A menina olhou para a floresta e viu algo – um homem correndo desenfreadamente em meio às trepadeiras e aos arbustos. Era seu pai, gritando e apontando para ela, chegando desesperado para salvá-la. Ela gritou chamando por ele, e ele desapareceu. Depois, ela desmaiou.

QUANDO RECOBROU A consciência, um dos homens estava deitado sob a porta da caçamba e o outro debaixo de uma árvore. Eles estavam dormindo.

Seus braços e suas pernas estavam dormentes. O sangue, a cerveja e a urina haviam se misturado com a terra embaixo dela, formando uma pasta pegajosa que grudou seu pequenino corpo ao chão e estalou quando ela se moveu. “Fuja”, pensou ela, mas mesmo fazendo o máximo de esforço possível ela só conseguiu se mexer alguns centímetros para a direita. Seus pés estavam amarrados tão no alto que seu quadril mal tocava o chão. Suas pernas e seus braços estavam tão fracos que se recusavam a se mexer.

Ela procurou o pai na floresta e silenciosamente o chamou. Esperou um pouco e voltou a dormir.

Quando acordou pela segunda vez, eles estavam despertos, andando de um lado para outro. O mais alto cambaleou até ela segurando uma pequena faca. Agarrou seu tornozelo esquerdo e serrou vorazmente a corda até ela ceder. Depois soltou sua perna direita, e ela se enrolou em posição fetal de costas para eles.

Cobb arremessou uma corda de náilon por cima de um galho, fez uma alça na extremidade e amarrou a ponta em um nó corrediço. Agarrou a menina e passou o laço em volta do pescoço dela, depois cruzou a clareira segurando a outra ponta da corda e se sentou na porta traseira da caçamba, onde Willard fumava um baseado recém-apertado e sorria pelo que Cobb estava prestes a fazer. Ele puxou a corda com força, depois deu um puxão violento, fazendo com que o corpo nu da menina quicasse no chão e parando-o com precisão sob o galho. Ela se engasgou e tossiu, então ele gentilmente afrouxou a corda para lhe dar mais alguns minutos. Amarrou a corda no para-choque e abriu outra cerveja.

Eles se sentaram na porta da caçamba, bebendo, fumando e olhando para ela. Haviam passado a maior parte do dia no lago, onde um amigo de Cobb tinha um barco e algumas garotas que eles acreditaram que seriam fáceis, mas acabaram se mostrando intocáveis. Cobb fora generoso, oferecendo drogas e cerveja, mas as garotas não retribuíram. Frustrados, eles foram embora do lago e estavam dirigindo sem rumo quando encontraram a menina. Ela caminhava por uma estradinha com uma sacola de compras quando Willard a acertou na nuca com uma lata de cerveja.

– Você vai fazer? – perguntou Willard com os olhos vermelhos e vidrados. Cobb hesitou.

– Não, vou deixar pra você. A ideia foi sua.

Willard deu um trago no baseado, cuspiu e disse:

– A ideia não foi minha. Você que é especialista em matar negros. Faz você.

Cobb desamarrou a corda do para-choque e puxou com força. Isso fez com que a casca do galho se soltasse, espalhando pedacinhos de madeira sobre a menina, que agora os observava com atenção. Ela tossiu.

De repente, ela ouviu alguma coisa, que parecia o ruído alto do escapamento de um carro. Os dois homens se viraram depressa para a estrada de terra que dava na rodovia ao longe. Eles praguejaram e se levantaram, e um deles fechou a porta da caçamba. O outro saiu correndo na direção da menina, tropeçou e caiu diante dela. Eles praguejaram de novo, agarraram-na, depois tiraram a corda do seu pescoço, a arrastaram para a picape e a jogaram na caçamba por cima da porta. Cobb lhe deu um tapa e ameaçou matá-la se ela se mexesse ou fizesse qualquer barulho. Ele disse que a levaria para casa se ela ficasse abaixada e obedecesse; caso contrário, eles a matariam. Entraram na picape, bateram as portas e saíram em disparada em direção à estrada de terra. Ela estava indo para casa. Desmaiou.

Cobb e Willard acenaram para o Firebird com escapamento esportivo ao cruzarem com ele na estreita estrada de terra. Willard olhou para trás para checar se a menina continuava deitada. Cobb entrou na rodovia e pisou ainda mais fundo no acelerador.

– E agora? – perguntou Willard, nervoso.

– Sei lá – respondeu Cobb no mesmo tom. – Mas a gente tem que fazer alguma coisa rápido, antes que ela espalhe sangue na picape inteira. Dá só uma olhada, tem sangue pra tudo que é lado.

Willard ficou pensativo por um instante, enquanto terminava uma cerveja.

– Vamos jogar ela de uma ponte – disse ele, orgulhoso da sugestão.

– Boa ideia. Porra, boa ideia. – Cobb pisou fundo no freio. – Me dá uma cerveja – ordenou a Willard, que saiu cambaleando da caminhonete e pegou duas latas na caçamba.

– Tem sangue até no cooler – avisou ele enquanto saíam novamente em disparada.

GWEN HAILEY TEVE um pressentimento horrível. Normalmente ela teria mandado um dos três garotos até a mercearia, mas o pai os havia colocado de castigo e por isso eles estavam arrancando ervas daninhas na horta. Tonya já fora à mercearia sozinha antes – ficava a pouco mais de um quilômetro de

distância apenas – e se mostrava confiável. Mas, depois de duas horas, Gwen pediu aos meninos que saíssem em busca da irmã mais nova. Eles achavam que ela estaria na casa dos Pounders brincando com seus inúmeros filhos, ou que talvez tivesse passado da mercearia para visitar sua melhor amiga, Bessie Pierson.

O dono da mercearia, o Sr. Bates, disse que a menina tinha saído de lá uma hora antes. Jarvis, o irmão do meio, encontrou uma sacola de compras no acostamento da estrada.

Gwen ligou para o marido na fábrica de papel, depois colocou Carl Lee Jr. no carro e saiu dirigindo pelas estradas de terra próximas da mercearia. Seguiram até a Graham Plantation, um assentamento de antigas casas de madeira, para ver se ela estava com uma das tias. Pararam no mercado da rua principal, a um quilômetro e meio da mercearia Bates, e um grupo de negros idosos disse que não a tinha visto por lá. Passaram por diversas estradas não asfaltadas, de cascalho e de terra, cobrindo um raio de oito quilômetros em torno da casa.

COBB NÃO CONSEGUIA encontrar uma ponte em que não houvesse negros pescando. Em cada uma de que se aproximavam havia quatro ou cinco homens sentados no parapeito com seus grandes chapéus de palha e varas de bambu, e abaixo deles, nas margens do rio, havia sempre outro grupo sentado em baldes, usando os mesmos chapéus de palha e as mesmas varas de bambu, completamente imóvel, exceto por um tapa ocasional em uma mosca ou mosquito.

Ele estava com medo. Willard havia apagado e em nada ajudaria, e Cobb estava sozinho na missão de se livrar da menina de um modo que ela jamais pudesse denunciá-los. Willard roncava enquanto ele dirigia freneticamente pelas estradas secundárias e também pelas municipais, em busca de uma ponte ou de um deque em algum rio onde pudesse parar e jogá-la sem ser visto por meia dúzia de negros usando chapéus de palha. Ele olhou pelo retrovisor e a viu tentando se levantar. Pisou fundo no freio, e ela bateu contra a frente da caçamba, bem abaixo da janela da cabine. Willard deu um solavanco em direção ao painel e caiu no chão da picape, onde continuou roncando. Cobb xingou os dois.

O lago Chatulla era nada mais do que uma imensa e rasa cratera artificial,

com um fundo lamacento e uma barragem coberta de grama de um quilômetro e meio numa das margens. Ficava no extremo sudoeste do condado de Ford, com uma porção avançando pelo condado de Van Buren. Durante a primavera, tinha o mérito de ser o maior corpo-d'água do Mississippi. Mas no final do verão as chuvas já haviam passado e o sol fazia evaporar a pouca água até o lago secar. Suas margens antes imponentes desapareciam, se aproximando e criando uma bacia ainda mais rasa de água barrenta. Ele era alimentado por todas as direções por inúmeros córregos, riachos e pântanos, e por alguns cursos de água com tamanho suficiente para serem chamados de rios. A existência de todos esses afluentes acabou resultando num número razoável de pontes próximas ao lago.

Foi sobre essas pontes que a picape amarela passou voando, num esforço final em encontrar um local adequado para descarregar uma passageira indesejada. Cobb estava desesperado. Ele conhecia outra ponte, uma estreita de madeira sobre o riacho Foggy. Ao se aproximar, viu homens negros com suas varas de bambu, então pegou uma estrada secundária e parou a picape. Abriu a porta da caçamba, arrastou a garota para fora e a jogou em um pequeno barranco coberto de vegetação.

CARL LEE HAILEY não correu para casa. Gwen ficava nervosa com facilidade e já tinha telefonado para a fábrica várias vezes, achando que as crianças haviam sido sequestradas. Ele bateu o ponto no fim do expediente e fez o trajeto de volta para casa nos habituais trinta minutos. A ansiedade tomou conta dele quando pegou a entrada de cascalho até sua residência e avistou a viatura estacionada próximo à varanda. Outros carros, de familiares de Gwen, estavam espalhados ao longo do caminho e na frente da casa. Havia um carro que ele não sabia de quem era, com varas de pesca despontando das janelas e pelo menos sete chapéus de palha dentro.

Onde estavam Tonya e os meninos?

Ao abrir a porta, ouviu Gwen chorando. À sua direita, na pequena sala de estar, encontrou uma multidão amontoada em cima de uma figura compacta deitada no sofá. A criança estava coberta com toalhas molhadas e rodeada de parentes em prantos. Quando ele se aproximou do sofá, o choro parou e a multidão recuou. Apenas Gwen continuou com a menina. Ela acariciava seu cabelo com a maior delicadeza. Ele se ajoelhou ao lado do sofá e tocou

o ombro da filha. Falou com a menina e ela tentou sorrir. Seu rosto era uma massa ensanguentada coberta de nódulos e lacerações. Suas pálpebras não abriam de tão inchadas, e ainda sangravam. Os olhos dele se encheram de lágrimas ao observar o corpinho dela, completamente embrulhado em toalhas e sangrando da cabeça aos pés.

Carl Lee perguntou a Gwen o que tinha acontecido. Ela começou a tremer e a chorar e foi levada pelo irmão até a cozinha. Carl Lee se levantou, virou para a multidão e exigiu que alguém lhe explicasse o que havia acontecido.

Silêncio.

Ele perguntou pela terceira vez. Willie Hastings, um dos primos de Gwen e assistente do xerife, deu um passo à frente e disse a Carl Lee que algumas pessoas estavam pescando perto do riacho Foggy quando viram Tonya caída no meio da estrada. A menina lhes disse o nome de seu pai, e ela foi levada para casa.

Hastings se calou e desviou o olhar.

Carl Lee continuou olhando para ele e aguardando. Os demais presentes mal respiravam e mantinham os olhos para baixo.

– O que aconteceu, Willie? – gritou Carl Lee sem tirar os olhos dele.

Hastings falou devagar e, enquanto fitava a janela, repetiu o que Tonya havia contado à mãe sobre os homens brancos e a picape deles, sobre a corda e as árvores, e sobre como a machucaram quando estavam em cima dela. Hastings parou de falar ao ouvir a sirene da ambulância.

A multidão saiu solenemente pela porta e aguardou na varanda, de onde assistiu à equipe descarregar uma maca e se dirigir para a casa.

Os paramédicos pararam no quintal quando a porta da frente se abriu e Carl Lee saiu abraçado com a filha, sussurrando algo baixinho para ela enquanto copiosas lágrimas pingavam do seu queixo. Ele se dirigiu até a parte de trás da ambulância e entrou. Os paramédicos fecharam a porta e cuidadosamente a tiraram de seus braços.

2

Ozzie Walls era o único xerife negro em todo o Mississippi. Tinha havido alguns outros na história recente do estado, mas naquele momento ele era o único. Walls se orgulhava muito disso, já que 74 por cento da população do condado de Ford era branca, e os outros xerifes negros eram de condados com uma parcela muito maior de negros. Desde a Reconstrução dos Estados Unidos, nenhum xerife negro havia sido eleito em um condado majoritariamente branco do Mississippi.

Walls nascera e fora criado no condado de Ford e tinha algum grau de parentesco com a maioria dos negros e alguns dos brancos. Com o término da segregação no fim dos anos 1960, ele foi membro da primeira turma mista de graduação na escola secundária de Clanton. Queria jogar futebol americano na Ole Miss, uma universidade próxima dali, mas já havia dois negros no time. Em vez disso, estreou na equipe da Alcorn State, e jogava na linha de defesa do Los Angeles Rams quando uma lesão no joelho o despachou de volta para Clanton. Sentia falta do futebol americano, mas gostava de ocupar o cargo de xerife, sobretudo em época de eleição, quando recebia mais votos de brancos do que seus oponentes brancos. As crianças brancas o amavam porque ele era um herói, uma estrela do futebol que havia jogado na TV e teve sua foto publicada em revistas. Os pais delas o respeitavam e votavam nele porque ele era um policial durão que não fazia distinção entre bandidos negros e brancos. Os políticos brancos o apoiavam porque, desde que ele se tornou o xerife, o Departamento de Justiça não precisava

se envolver com o condado de Ford. Os negros o veneravam porque ele era Ozzie, um dos seus.

Seu gabinete ficava no presídio. Ozzie não jantou, ficou aguardando que Hastings voltasse da casa dos Haileys com informações. Ele tinha um suspeito. Billy Ray Cobb era conhecido no gabinete do xerife. Ozzie sabia que Billy vendia drogas – só não tinha conseguido pegá-lo ainda. Sabia também que Cobb tinha uma péssima índole.

O operador de rádio convocou os assistentes e, conforme eles chegavam ao presídio, Ozzie lhes dava instruções para localizar (mas não prender) Billy Ray Cobb. Ao todo eram doze assistentes – nove brancos e três negros. Eles varreram o condado em busca de uma picape Ford amarela com uma bandeira confederada no vidro de trás.

Quando Hastings chegou, ele e o xerife partiram para o hospital do condado de Ford. Como de costume, Hastings dirigia e Ozzie dava ordens pelo rádio. Na sala de espera do segundo andar, encontraram a família Hailey. Tias, tios, avós, amigos e desconhecidos lotavam a pequena sala enquanto alguns esperavam no corredor estreito. Era possível ouvir as pessoas sussurrando e chorando baixinho. Tonya estava sendo operada.

Carl Lee estava sentado em um sofá de plástico vagabundo em um canto escuro, ao lado de Gwen e dos meninos. Ele olhava para o chão e nem percebia a multidão ao redor. Gwen chorava com a cabeça apoiada no ombro dele. Os meninos tinham uma postura rígida e as mãos nos joelhos, vez ou outra olhando para o pai como se esperassem palavras de conforto.

Ozzie abriu caminho em meio à multidão, silenciosamente dando apertos de mão e tapinhas nas costas, falando baixinho que pegaria os responsáveis. Ele se ajoelhou diante de Carl Lee e Gwen.

– Como tá a menina? – perguntou.

Carl Lee não o via. Gwen chorou ainda mais alto e os meninos fungavam e enxugavam as lágrimas. Ele deu um tapinha no joelho de Gwen e se levantou. Um dos irmãos dela levou Ozzie e Hastings para fora da sala até o corredor, longe da família. Ele apertou a mão de Ozzie e lhe agradeceu por ter vindo.

– Como ela tá? – perguntou Ozzie.

– Não muito bem. Ela tá sendo operada e provavelmente vai ficar lá dentro por um bom tempo. Teve várias fraturas e uma concussão grave. Ela tá muito machucada. Tem queimaduras de corda no pescoço, como se tivessem tentado enforcar ela.

– Ela foi estuprada? – perguntou ele, certo da resposta.
– Foi. Ela contou pra mãe que eles se revezavam e machucaram muito ela. Os médicos já confirmaram.

– Como o Carl Lee e a Gwen estão?
– Completamente destruídos. Acho que estão em choque. O Carl Lee não disse uma palavra desde que chegou aqui.

Ozzie garantiu que eles encontrariam os dois homens, que isso não demoraria muito e que, quando eles fossem pegos, seriam trancados em um lugar seguro. O irmão de Gwen sugeriu que Ozzie os escondesse em outro presídio, para a segurança deles próprios.

A CINCO QUILÔMETROS de Clanton, Ozzie apontou para uma estrada de terra.

– Entra ali – disse ele a Hastings, que saiu da rodovia e dirigiu até um trailer em ruínas. Já era quase noite.

Ozzie pegou seu cassetete e bateu violentamente na porta da frente.

– Bumpous, abre a porta!

O trailer balançou e Bumpous correu até o banheiro para jogar o baseado que tinha acabado de apertar no vaso sanitário e dar a descarga.

– Abre, Bumpous! – ordenou Ozzie. – Eu sei que você tá aí. Abre ou eu vou chutar essa porta.

Bumpous abriu a porta e Ozzie entrou.

– Sabe, Bumpous, sempre que eu visito você sinto um cheiro estranho e ouço o barulho da descarga. Coloca uma roupa aí. Eu tenho um serviço pra você.

– Qual?

– Vou te explicar lá fora, onde eu consigo respirar. Coloca uma roupa e vem logo.

– E se eu não quiser?

– Tudo bem. Amanhã mesmo eu vou até o teu oficial de condicional.

– Já tô saindo.

Ozzie sorriu e voltou para a viatura. Bobby Bumpous era um de seus favoritos. Desde que saíra em liberdade condicional, dois anos antes, levava uma vida razoavelmente regrada, às vezes sucumbindo à tentação de ganhar um dinheirinho fácil vendendo drogas. Ozzie o vigiava como um falcão e

tinha conhecimento dessas transações, e Bumpous sabia que Ozzie estava por dentro de tudo. Por isso, Bumpous ficava sempre ansioso para ajudar seu amigo, o xerife Walls. O plano original era usar Bumpous para prender Billy Ray Cobb por tráfico, mas isso seria adiado por enquanto.

Depois de alguns minutos ele saiu do trailer, ainda colocando a camisa para dentro da calça e fechando o zíper.

– Quem você tá procurando? – questionou ele.

– Billy Ray Cobb.

– Isso é fácil. Você não precisa de mim pra encontrar ele.

– Cala a boca e me escuta. A gente desconfia que o Cobb esteve envolvido em um estupro hoje à tarde. Uma garota negra foi estuprada por dois homens brancos, e eu acho que Cobb era um deles.

– O Cobb não se mete em estupros, xerife. O lance dele é droga, esqueceu?

– Fica quieto e me escuta. Você encontra o Cobb e passa um tempo com ele. Uns cinco minutos atrás a caminhonete dele foi vista no Huey's. Paga uma cerveja pra ele. Joga uma sinuca, dados, o que for. Descobre o que ele fez hoje, com quem estava, aonde foi. Você sabe que ele gosta de falar, né?

– Sei.

– Liga pra central de rádio quando você encontrar com ele. Eles vão me ligar. Eu vou estar por perto. Entendeu?

– Claro, xerife. Sem problema.

– Alguma pergunta?

– Sim. Tô sem grana. Quem vai bancar isso tudo?

Ozzie deu a ele uma nota de vinte dólares e saiu. Hastings foi na direção do Huey's, próximo ao lago.

– Tem certeza que a gente pode confiar nele? – perguntou Hastings.

– Em quem?

– Nesse tal de Bumpous.

– É claro que sim. Ele se provou muito confiável desde que saiu em condicional. É um bom garoto, tenta agir certo na maior parte do tempo. Ele me apoia e faria qualquer coisa que eu pedisse.

– Por quê?

– Porque há um ano eu peguei ele com quase trezentos gramas de maconha. Ele estava fora havia mais ou menos um ano quando peguei o irmão dele com trinta gramas e avisei que ele podia pegar trinta anos por causa disso. O tal irmão abriu o berreiro, chorou a noite toda na cela. No dia seguinte

de manhã, estava pronto pra falar. Disse que o fornecedor era o seu irmão, Bobby. Então, soltei ele e fui atrás do Bobby. Bati na porta e ouvi a descarga do vaso sanitário. Ele não quis abrir, então chutei a porta e entrei. Encontrei ele de cueca no banheiro tentando desentupir a privada. Tinha maconha pra tudo que era lado. Não sei de quanto ele tentou se livrar, mas a maior parte tinha voltado pelo encanamento. Deixei o sujeito tão apavorado que ele se mijou todo.

– Tá de sacanagem.

– Não tô, não. O garoto se mijou inteiro. Uma cena ridícula, a cueca toda molhada, com um desentupidor numa das mãos, maconha na outra e o trailer enchendo d'água.

– O que você fez?

– Falei que ia matar ele.

– O que ele fez?

– Começou a chorar. Chorou feito um bebê. Lamentou pela mãe, pela prisão, essas coisas. Prometeu que nunca mais ia fazer merda.

– Você prendeu ele?

– Não, eu não ia conseguir. Toquei o terror no Bobby, ameacei mais um pouco. Coloquei ele em liberdade condicional ali mesmo no banheiro. Tem sido divertido trabalhar com ele desde então.

Eles passaram pelo Huey's e viram a picape de Cobb no estacionamento junto com uma dezena de outras picapes e caminhonetes com tração nas quatro rodas. Estacionaram atrás de uma igreja frequentada pela comunidade negra em uma ladeira que dava na rodovia onde fica o Huey's, de onde tinham uma boa visão do bar de música country, ou *tonk*, como era carinhosamente chamado pelos clientes. Outra viatura se escondeu atrás de algumas árvores na outra extremidade da rodovia. Momentos depois, Bumpous entrou voando no estacionamento. Puxou o freio de mão, espalhando cascalho e poeira, depois deu ré e parou ao lado da picape de Cobb. Olhou em volta e casualmente entrou no Huey's. Trinta minutos depois, o operador de rádio avisou a Ozzie que o informante havia encontrado o sujeito, um homem branco, no Huey's, um estabelecimento na rodovia 305 próximo ao lago. Minutos depois, mais duas viaturas estavam escondidas na área. Eles esperaram.

– Por que você tem tanta certeza que foi o Cobb? – perguntou Hastings.

– Eu não tenho certeza. É só um palpite. A menina disse que era uma picape com rodas cromadas e pneus grandes.

– Isso reduz o número de suspeitos pra dois mil.

– Ela também disse que era amarela, parecia nova e tinha uma bandeira grande pendurada no vidro de trás.

– Isso reduz pra duzentos.

– Talvez menos que isso. Quantos deles são tão cruéis quanto Billy Ray Cobb?

– E se não for ele?

– Foi ele.

– Se não for?

– Vamos saber já, já. Ele fala demais, principalmente quando bebe.

Eles aguardaram por duas horas, observando as picapes chegando e saindo do local. Caminhoneiros, madeireiros, operários e lavradores paravam suas picapes e seus jipes no estacionamento de cascalho e entravam, cheios de si, para beber, jogar sinuca, ouvir a banda, mas sobretudo para procurar mulheres. Alguns saíam e iam até o Ann's Lounge, onde passavam alguns minutos, e voltavam para o Huey's. O Ann's Lounge era mais escuro por dentro e por fora, e não contava com as placas coloridas de cerveja e a música ao vivo que tornavam o Huey's um sucesso entre os moradores da região. O Ann's era conhecido pelo tráfico de drogas, enquanto o Huey's tinha de tudo – música, mulheres, happy hour, caça-níqueis, dados, pista de dança e muita briga. Uma briga extrapolou a porta e foi parar no estacionamento, onde um grupo de caipiras fora de si se engalfinhou até ficar sem fôlego e voltar para a mesa de dados.

– Espero que isso não seja coisa do Bumpous – apontou o xerife.

Os banheiros do lado de dentro eram pequenos e imundos, e a maioria dos clientes achava melhor fazer as suas necessidades entre as picapes no estacionamento. Isso acontecia sobretudo às segundas-feiras, quando a noite da cerveja a dez centavos atraía caipiras de quatro condados e cada picape parada no estacionamento recebia pelo menos três jatos. Cerca de uma vez por semana, um motorista desavisado que passava ficava chocado com algo que via no estacionamento, e Ozzie era forçado a levar alguém preso. Mas normalmente ele não se envolvia com o que acontecia no local.

Os dois estabelecimentos violavam diversas leis. Havia apostas, drogas, uísque contrabandeado, menores de idade, atividade além do horário permitido, etc. Pouco depois de ser eleito, Ozzie cometeu o equívoco, um pouco em razão de uma promessa de campanha precipitada, de fechar todos

os bares daquele tipo do condado. Foi um erro terrível. A taxa de criminalidade disparou. A prisão ficou lotada. O número de audiências no tribunal se multiplicou. Os caipiras se uniram e dirigiram em caravanas até Clanton e estacionaram ao redor da praça onde fica o fórum. Centenas deles. Toda noite eles invadiam a praça, bebendo, brigando, tocando música alta e gritando obscenidades para os moradores da cidade, que ficavam horrorizados. Todo dia a praça amanhecia parecendo um lixão, com latas e garrafas espalhadas por toda parte. Ozzie também fechou bares como aqueles frequentados pelos negros, e as invasões, os roubos e os esfaqueamentos triplicaram em apenas um mês. Houve dois assassinatos em uma única semana.

Por fim, com a cidade sitiada, um grupo de reverendos da região se reuniu em sigilo com Ozzie e lhe implorou que pegasse mais leve com os bares. O xerife educadamente os lembrou de que, ao longo da campanha, eles mesmos haviam insistido no fechamento. Admitiram que estavam errados e imploraram que Ozzie aliviasse um pouco a pressão. Sim, eles o apoiariam na eleição seguinte. O xerife cedeu e a vida voltou ao normal no condado de Ford.

Ozzie não gostava nada do sucesso que esses estabelecimentos faziam em seu condado, mas estava convencido de que seus eleitores, ao menos aqueles que respeitavam a lei, ficavam muito mais seguros quando os bares estavam abertos.

Às dez e meia, o operador comunicou pelo rádio que o informante estava ao telefone e queria falar com o xerife. Ozzie deu sua localização e um minuto depois eles viram Bumpous aparecer do nada e cambalear até sua picape. Ele saiu em alta velocidade, cantando pneu e espalhando cascalho, em direção à igreja.

– Ele tá bêbado – disse Hastings.

Bumpous passou pelo estacionamento da igreja e parou bruscamente a poucos metros da viatura.

– E aí, xerife! – gritou ele.

Ozzie foi até a picape.

– Por que a demora?

– Achei que não precisava ter pressa.

– Faz duas horas que você se encontrou com ele.

– É verdade, xerife, mas já tentou gastar vinte dólares em cerveja quando a lata custa cinquenta centavos?

- Você tá bêbado?
- Não, tô só me divertindo. Pode me arrumar mais vinte?
- O que você descobriu?
- Sobre o quê?
- Sobre o Cobb!
- Ué, ele tá lá dentro.
- Eu sei que ele tá lá dentro! O que mais?

Bumpous parou de sorrir e olhou para o bar à distância.

– Ele tá rindo disso tudo, xerife. É a piada do dia. Disse que finalmente achou uma negra virgem. Alguém perguntou quantos anos ela tinha, e o Cobb disse 8 ou 9. Todo mundo riu.

Hastings fechou os olhos e baixou a cabeça. Ozzie cerrou os dentes e desviou o olhar.

- O que mais ele disse?

– Ele tá completamente bêbado. Não vai se lembrar de nada amanhã de manhã. Disse que ela era uma gracinha.

- Quem estava junto com ele?
- Pete Willard.
- Ele tá lá dentro?
- Sim, os dois estão lá, rindo da história.
- Onde eles estão exatamente?
- Do lado esquerdo, perto das máquinas de pinball.

Ozzie sorriu.

- Tá bem, Bumpous. Bom trabalho. Agora some daqui.

Hastings ligou para a central de rádio e passou os dois nomes. O operador retransmitiu a mensagem ao assistente Looney, que estava estacionado na rua em frente à casa de Percy Bullard, juiz do condado. Looney tocou a campainha e entregou ao juiz duas declarações juramentadas e dois mandados de prisão. Bullard rubricou os mandados e os devolveu a Looney, que agradeceu ao juiz e foi embora. Vinte minutos depois, Looney entregou os mandados a Ozzie atrás da igreja.

Exatamente às onze, a banda parou de tocar, os dados desapareceram, as pessoas na pista de dança congelaram, as bolas pararam de rolar nas mesas de sinuca e alguém acendeu as luzes. Todos os olhares seguiram o xerife enquanto ele e seus homens avançavam sem pressa até uma mesa perto das máquinas de pinball. Cobb, Willard e dois outros homens estavam sentados

ao redor de uma mesa cheia de latas de cerveja vazias. Ozzie foi até lá e sorriu para Cobb.

– Sinto muito, senhor, mas não permitimos negros aqui – disparou Cobb, e os quatro caíram na gargalhada.

Ozzie continuou sorrindo. Quando as risadas pararam, ele disse:

– Estão se divertindo, Billy Ray?

– Estávamos.

– Parece que sim. Eu detesto atrapalhar, mas você e o Sr. Willard precisam vir comigo.

– Pra onde? – perguntou Willard.

– Dar uma volta.

– Eu não vou sair daqui – declarou Cobb.

Em seguida, os outros dois se levantaram da mesa e se juntaram aos espectadores.

– Vocês dois vão presos – disse Ozzie.

– Você tem mandado? – perguntou Cobb.

Hastings mostrou a ele os mandados e Ozzie os arremessou entre as latas de cerveja.

– Sim, nós temos mandado. Agora levanta.

Desesperado, Willard olhava para Cobb, que deu um gole na cerveja e disse:

– Eu não vou a lugar nenhum.

Looney entregou a Ozzie o cassete mais comprido já usado no condado de Ford. Willard entrou em pânico. Ozzie o ergueu e em seguida atingiu o centro da mesa, fazendo voarem latas, cerveja e espuma para todo lado. Willard deu um pulo, juntou os punhos e os esticou para Looney, que aguardava com as algemas. Ele foi arrastado para fora e jogado em uma viatura.

Ozzie bateu com o cassete na palma da mão esquerda e sorriu para Cobb.

– Você tem o direito de permanecer calado. Tudo o que disser será usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado. Se não puder pagar, o Estado lhe providenciará um. Alguma pergunta?

– Sim, que horas são?

– Hora de ir pra cadeia, rapaz.

– Vai pro inferno, seu preto!

Ozzie o agarrou pelos cabelos, erguendo-o da cadeira, e em seguida o jogou de cara no chão. Ele ajoelhou nas costas de Cobb, passou o cassete

por baixo do pescoço dele, puxando para cima enquanto enfiava o joelho mais fundo em suas costas. Cobb gritou até o cassetete começar a esmagar sua laringe.

Ele foi algemado e Ozzie o arrastou pelos cabelos pela pista de dança, para fora do bar e pelo estacionamento de cascalho, até jogá-lo no banco de trás da viatura junto com Willard.

A NOTÍCIA DO estupro se espalhou depressa. Mais amigos e parentes lotavam a sala de espera e os corredores próximos. A cirurgia de Tonya havia terminado e seu estado era considerado crítico. Ozzie conversou com o irmão de Gwen no corredor e contou sobre as prisões. Sim, eram eles, ele tinha certeza.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

